

Escola Bíblica

Módulo 4 – Discipulado: Colocando a mão na massa!

Aula 07 – As tensões no caminho do discipulado III

www.ipbarreto.org.br/escola-biblica/



No mundo/do mundo

Ao olharmos para o discipulado como uma jornada, um caminho a ser trilhado, poderemos utilizar a metáfora para afirmar que essa jornada não é um passeio, mas uma viagem com perigos reais e tentações ocultas. Primeiro, vimos que a tensão interna que há no discipulado, uma disputa entre o Espírito e a nossa velha natureza. Diante dessa tensão interna devemos alimentar nosso relacionamento com Deus de tal maneira que venhamos a viver no Espírito e assim ver o fruto do Espírito crescer em nossas vidas. Em segundo lugar, vimos que precisamos de um equilíbrio entre a graça e a lei, andando sempre nessa tensão. A tensão não está entre a graça de Deus e sua vontade perfeita – a lei – mas sim dentro de nós, pois tendemos a graça barata por um lado e ao legalismo por outro. O discípulo sabe andar em equilíbrio, abraçando a graça como fundamento de sua vida mas sabendo que essa mesma vida que repousa sobre a graça deve ser moldada pela lei – uma vida de santidade e obediência.

Existem muitas outras tensões nesse caminho, mas quero dedicar atenção a mais uma apenas: a tensão permanente do discípulo com o contexto no qual o mesmo foi plantado para abençoar – o mundo. Podemos dizer que o pecado é uma estrutura erguida sobre três pilares: a carne, o mundo e o Diabo. A carne é o termo paulino para a natureza humana pecaminosa, nossa natureza que está enferma, é inimiga do Eterno e sobre a qual não temos controle, como ressalta Agostinho.¹ Essa natureza é inclinada para o mal e indisposta a se render a Deus. O termo “Diabo” é usado comumente para se referir aos anjos rebeldes que nos precederam na queda e em certas passagens um ser angelical em particular, pensando ser Satanás o anjo de luz (Ez 28.12-19). Ele é ao mesmo tempo o Tentador dos crentes, incitando nosso apetite natural pelo pecado, e o acusador daqueles que atendem seus apelos. Seu jogo envolve o desejo e a culpa, num ciclo maligno. Mas e o mundo? O termo “mundo” aparece nas Escrituras para se referir a um amplo sistema de valores, ideais, conceitos e práticos que foram um complexo emaranhado cultural que se opõe a Deus e ao seu Reino.

Obviamente, em certas passagens o termo “mundo” não vem carregado com esse sentido, como em João 3.16 (“Deus amou o mundo...”), uma passagem cujo contraste é claro com 1João 2.15-17: “Não amem o mundo nem o que nele há. Se alguém amar o mundo, o amor do Pai não está nele. Pois tudo o que há no mundo — a cobiça da carne, a cobiça dos olhos e a ostentação dos bens — não provém do Pai, mas do mundo. O mundo e a sua cobiça passam, mas aquele que faz a vontade de Deus permanece para sempre”. Tiago repreendeu severamente em sua epístola: “Adúlteros, vocês não sabem que a amizade com o mundo é inimidade com Deus? Quem quer ser amigo do mundo faz-se inimigo de Deus” (Tiago 4.4).

O mundo como um sistema de valores, ideais e práticas inimigas do Criador e sustentadoras do mal é de certa forma o Mandato Cultural as avessas. O Mandato Cultural é o chamado do Criador para o homem construir cultura e civilização para a glória do Criador e está expresso em Gh 1.,28. Richard Mouw afirma que o Mandato Cultural se expressa no fato de que “Deus comissionou os nossos primeiros pais a ‘transformar a natureza indomada num ambiente social’ mediante uma formação cultural que se coaduna com o projeto dele”.² Plantinga nos lembra que neste sentido “a boa criação de Deus inclui não somente a Terra e suas criaturas, mas também uma gama de dons culturais, tais como o casamento, a família, as artes, a linguagem, o comércio e (até num mundo ideal) o governo”.³

Contudo, após a queda o homem continuou com sua capacidade de forjar cultura, construir civilizações, produzir arte, música, beleza e filosofia, política, ciência e tudo mais, porém agora não mais para a glória do Criador mas para a sua própria glória, reforçando seu estado de queda e distanciamento do Eterno.

Gênesis mostra os primeiros avanços cultural e tecnológicos em Gn 4.20-22 e logo relaciona a multiplicação das pessoas e suas interações a progressão do mal em Gn 6.1-6, culminando com a narrativa do dilúvio. O surgimento das cidades fica registrado em Gn 4.17 e é central para essa aceleração da maldade humana, pois as cidades se tornam lugares nos quais as pessoas se aglomeram, acelerando assim a formação de novas ideias, tecnologias,

¹ MCGRATH, Alister E. *Teologia sistemática, histórica e filosófica: uma introdução a teologia cristã*. São Paulo: Shedd Publicações, 2005, p.509

² PLANTINGA, Cornelius Jr. *O crente no mundo de Deus*. São Paulo: Cultura Cristã, 2007, p.45

³ PLANTINGA, Cornelius Jr. *O crente no mundo de Deus*. São Paulo: Cultura Cristã, 2007, p.45

empreendimento e descobertas. As cidades são os principais motores de aceleração cultural da história como ressaltava Tim Keller,⁴ tendo portanto um papel decisivo na história da humanidade: é das grandes cidades com suas concentrações de pessoas, talentos, ideias e recursos que se deram os grandes avanços culturais e tecnológicos que moldaram a história da humanidade, legando o campo a um papel coadjuvante nesta história.

O fato é que o ser humano longe do Criador produz cultura que, embora aqui e ali tenha lampejos da sabedoria e beleza do Criador por causa da graça comum, forma um complexo sistema de valores, crenças, ideais e práticas que refletem a condição rebelde e decaída do ser humano. Isso é o que as Escrituras chamam de mundo. O Apóstolo João registrou na oração sacerdotal do Senhor Jesus uma preciosa palavra de ensino para os discípulos a respeito de sua relação com o mundo: “Dei-lhes a tua palavra, e o mundo os odiou, pois eles não são do mundo, como eu também não sou. Não rogo que os tires do mundo, mas que os protejas do Maligno. Eles não são do mundo, como eu também não sou” (João 17.14-16).

Jesus deixa claro que seu desejo é que os discípulos vivam no mundo: “Assim como me enviaste ao mundo, eu os enviei ao mundo” (João 17.18). Neste sentido a oração sacerdotal de Jesus reitera seu ensino a respeito da relação do discípulo com o mundo expresso no sermão do monte: “Vocês são o sal da terra. Mas se o sal perder o seu sabor, como restaurá-lo? Não servirá para nada, exceto para ser jogado fora e pisado pelos homens. Vocês são a luz do mundo. Não se pode esconder uma cidade construída sobre um monte. E, também, ninguém acende uma candeia e a coloca debaixo de uma vasilha. Pelo contrário, coloca-a no lugar apropriado, e assim ilumina a todos os que estão na casa. Assim brilhe a luz de vocês diante dos homens, para que vejam as suas boas obras e glorifiquem ao Pai de vocês, que está nos céus”. (Mateus 5.13-16). Jesus deixa claro que a luz deve brilhar diante dos homens e um erro seria escondê-la, mas lembra que se o discípulo perder seu contraste com o seu contexto, será tão imperceptível quanto o sal sem sabor.

Jesus estava deixando claro o discípulo é chamado para viver no mundo, mas com um mentalidade missional como a do próprio Jesus que veio para o mundo – pôs os pés no sistema, adentrou a cultura – mas não era do mundo – não se amoldou ao sistema nem se misturou a cultura anti Deus dominante e escravizadora. Jesus estava refutando dois erros: deixar o mundo em um movimento de evasão como fizeram os monásticos no início da Idade Média e ao mesmo tempo não se misturar ao mundo como fez a igreja ao longo de toda a sua história, moldando sua existência e valores pelos padrões do mundo.

Pensamos que a expressão “igreja secularizada” se refere a igreja atual, com seus modismos e indecentes tentativas de nutrir uma cultura de entretenimento ao invés de uma cultura de comunidade e discipulado. Todavia, esse privilégio não é nosso. Antes de nós gerações inteiras de cristãos viveram a sombra de um cristianismo secular, desfigurado pela religiosidade ritualista ou pelo intelectualismo vazio. A igreja deve se engajar na cultura a fim de poder dialogar com a mesma e para isso deve pensar bem sua forma, sua linguagem, sua abordagem, mas não deve perder de vista o essencial, as crenças, valores e práticas que estão no núcleo do que significa ser discípulos de Jesus.

Se a comunidade de discípulos não se isola da sociedade em geral e um movimento de retirada baseado no medo ou em uma suposta superioridade e ao mesmo tempo não se perde trocando a missão evangelizadora por um esforço de popularidade, então a igreja estabelecer uma saudável tensão com o mundo. Podemos ver um esforço muito interessante dos primeiros puritanos, cujo desejo era levar o espírito monástico para o dia-a-dia, vivendo com diligência e ordem em seu trabalho e na vida pública a fim de manifestar Cristo.⁵ Paul G. Hiebert nos lembra que “viver no mundo, mas não pertencer a ele, está no cerne da missão da igreja”.⁶

No campo das ideias, é importante lembrar a ordem de Paulo para que não nos amoldemos a maneira de pensar do mundo, mas sempre experimentemos a transformação que vem pela renovação da mente cristã pelo poder do Evangelho (Rm 12.2). Isso significa dizer dialogar com a cultura mas com um espírito de discernimento, sempre avaliando a cultura por meio das Escrituras e não deixando absorver sem reflexão.⁷ No campo da prática, é imprescindível que a despeito das muitas pressões, o discípulo possa se comprometer com a obediência, sempre lembrando que a graça toma em nossa vida o formato da lei. Lembrando novamente as palavras de Bonhoeffer, só aquele que crê é obediente, e só aquele que é obediente crê”.⁸

Por isso tudo, o discípulo vive em tensão com o mundo, chamado para estar nele e servi-lo, mas sem jamais se amoldar a ele. É importante e salutar lembrar as palavras do Redentor: “Se o mundo os odeia, tenham em mente que antes odiou a mim. Se vocês pertencessem ao mundo, ele os amaria como se fossem dele. Todavia, vocês não são do mundo, mas eu os escolhi, tirando-os do mundo; por isso o mundo os odeia” (João 15.18,19).

⁴ KELLER, Timothy. *Center Church: Doing balanced, Gospel-centered ministry in your city*. Grand Rapids: Zondervan, 2012, p.138

⁵ FOSTER, Richard. *Dinheiro, sexo e poder*. São Paulo: Mundo Cristão, 1988, p.14

⁶ HIEBERT, Paul. G. *Transformando cosmovisões*. São Paulo: Vida Nova, 2016, p.311

⁷ TURNER, Steve. *Engolidos pela cultura pop*. Viçosa: Ultimato, 2014, p.55

⁸ BONHOEFFER, Dietrich. *The Cost of Discipleship* – New York: Macmillan, 1960., p.54